

25ª Jornada-Liga Betclic

CD Tondela, 0
Rio Ave, 1

Página 13

27ª Jornada-Liga Betclic

CD Tondela - AFS
21/03/2026
20:30 - Sporttv 1

SEMANÁRIO **Jornal de** **TONDELA**

Nº 1821 | 12 de Março de 2026 | II Série | Ano XXXVI | Preço: 1,00Euro | Director: Arménio Pereira

Guerin
Car Rental Solutions

enterprise
rent-a-car

RESERVAS
(00351) 232 813 026
tondela@guerin.com.pt

Powered By:
Vistur Auto
RENT-A-CAR
Automóveis de Aluguer

Ainda nesta edição

**Tomada de posse
na Associação 19
de Março para os
próximos quatro
anos**

Página 6

**ARQUINHA DA
MOURA
RECEBE GRUPO
DE INVESTIGADO-
RES**

Página 9

CAMPO DE BESTEIROS

**PATRIMÓNIO
ESQUECIDO**

“Cortar o mal pela raiz”

Página 10

SELEÇÃO NACIONAL DE ANDEBOL MASCULINOS JOGA FRENTE À CHÉQUIA EM TONDELA

Página 5

Centro Cultural de Belém

Página 4



**“TI CHITAS” LEVADA AO PALCO
PELA CRIATIVIDADE DE
COMPOSITORA TONDELENSE**

Jantar do Dia da Mulher
Comunidade reunida
para apoiar as obras
da ERPI do Centro
Social e Paroquial de
São Salvador de Tonda



Página 7



TONDELA
Pavilhão Municipal de Tondela

TROFÉU CIDADE DE TONDELA

20 MARÇO
20h00 Portugal x Chéquia

Organizado por: **TONDELA** | Patrocinadores Principais: **Kampa**, **HERMEL**, **alfaloc**, **monoposto** | Patrocinadores: **acrisports**, **zumub** | Parceiros: **A INOLA**



Centro Cultural de Belém

“TI CHITAS” LEVADA AO PALCO PELA CRIATIVIDADE DE COMPOSITORA TONDELENSE



O espetáculo dá destaque a uma figura de relevo na música de matriz rural portuguesa

A compositora e etnomusicóloga, Teresa Gentil foi a autora da ópera “Ti Chitas” – a voz que é uma montanha” que esgotou, recentemente, durante quatro dias, o pequeno auditório do Centro Cultural de Belém.

Este projeto musical tinha sido revelado, pela própria, ao Jornal de Tondela em entrevista concedida na nossa edição de 9 de outubro de 2025. A compositora de Molelos tinha defendido no mês anterior a tese de doutoramento – A construção da voz da Amália Rodrigues (1939-1949) – na Universidade Nova de Lisboa. Desde então que era pública a intenção de Teresa Gentil levar ao palco a influência musical e história da autodidata albacastrense.

A estreia aconteceu no dia 26 de fevereiro para as escolas, no dia seguinte, o público escolar voltou a preencher a plateia por completo para a esgotar no sábado (28) e domingo (29), desta vez ao público geral. O espetáculo foi idealizado por Teresa Gentil com a participação do ensemble barroco da Orquestra D’Aquém Mar. A direção musical pertenceu ao maestro Pedro Castro, a soprano Patrícia Modesto e o contratenor António Lourenço Menezes. A encenação foi de Teresa Gentil e Lander Patrick.

A ópera “Ti Chitas” – a voz que é uma montanha” tem como figura central Catarina Sargenta, nascida em 1913 e falecida em 2003, uma pastora, cantora e tocadora, de adufe de Penha Garcia, no concelho de Idanha-a-Nova e distrito de Castelo Branco.

Teresa Gentil admiradora do legado da “Ti Chitas” inspirou-se na entrevista que esta deu ao etnomusicólogo Michel Giacometti que ao mesmo tempo serviu de guia para esta opera que também aborda o Cancioneiro Popular Português. Essa conversa longa foi dada numa altura em que já havia muita confiança entre os dois e em que a “Ti Chitas” confessa muitos aspetos da sua vida. A dureza do dia a dia na serra, todos os momentos desafiantes que ela teve, como mulher do campo, pobre e analfabeta. Esse registo encontra-se no Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa.

Esta entrevista quase autobiográfica foi fundamental para o trabalho criativo de Teresa Gentil que acabou transformada pelo lado mais poético, não tanto, pela vertente narrativa, mas sim pelos momentos da vida de “Ti Chitas”. Aqueles que se cruzam com as canções do Cancioneiro Popular Português, do nascimento, do trabalho, de tristeza, romances ou a maneira de contar histórias.

Na vontade de desenvolver um trabalho artístico em redor desta referência musical, a compositora tondelense apoiou-se no trabalho gravado pelos etnomusicólogos Michel Giacometti e José Veiga de Oliveira. Nos momentos em que a voz de “Ti Chitas” se fez ouvir no espetáculo foi acompanhada pela Orquestra Barroca D’Aquém Mar, e também pelos cantores que o integraram.

Ópera com projeção nacional

Este projeto musical captou a atenção da generalidade dos principais órgãos nacionais. Nesse sentido, Teresa Gentil explicou à agência Lusa que o espetáculo refletiu «um cruzamento muito feliz, o da voz da “Chitas” com a orquestra barroca, pois são instrumentos que permitem uma fluidez de afinação que os instrumentos mais modernos não permitem, e é de facto muito interessante». Vista como figura de relevo na música de matriz rural portuguesa conseguiu aprender a ler já depois dos 50 anos com a ajuda de uma nora, salientando por sua vez à Antena 1, que aquilo que “Ti Chitas” nos deixou a nível de espólio e de memória é impressionante. «São mesmo muitas recolhas, muitas canções, muitas histórias, muitas horas de música e é muito interessante perceber a função que a música tinha na vida desta mulher.»



Rui Silva um mestre na arte musical do Adufe

Teresa Gentil referiu à mesma estação de rádio que as raízes de infância partilham de contexto e criação. Os ciclos da natureza, o respeito pela vida das plantas e animais, sublinhando o interesse que tem pela voz. «O interesse pela “Chitas” já vem de 2016. Eu fiz um pequeno ensaio sobre ela e o meu trabalho tem sido sempre acerca da voz.»

Para Teresa Gentil essa voz é muito elástica e límpida algo que se sente mesmo quando já tinha 70 ou 80 anos em que se podia sentir essa flexibilidade vocal, tendo em conta também, as condições de vida em que ela viveu. «Depois tem um estilo de ornamentação que é muito característico dela.»

“Ti Chitas” nunca foi à escola, mas sempre quis aprender a ler. Depois dos 50 anos conseguiu. Comprou o primeiro adufe aos 16 anos por 10 escudos na Romaria da Senho-

ra do Almortão. «Se a “Ti Chitas” tivesse nascido numa família aristocrata ou burguesa provavelmente teria sido cantora porque de facto nota-se essa capacidade de interpretar. Ela improvisa também.»

E dentro deste universo rural como é que se constrói uma ópera? – Está tudo no guião do espetáculo. A folha de sala tem o libreto. «Esta tapeçaria que eu fui fazendo está explicita lá». Há duas narrativas a serem contadas, uma do nosso cancionário, as músicas que acompanham o dia a dia das pessoas e ao mesmo tempo há uma voz biográfica.

Teresa Gentil salientou que o objetivo foi não retirar a crueza e dureza da vida que a “Ti Chitas” teve, optando por relevar a voz dela e acima de tudo a alegria e a função que a música teve na vida dela. Esta peça musical conduz o público pelas paisagens sonoras e afetivas das montanhas por onde andou. A ópera incluiu ainda música eletroacústica e eletrónica preparadas pela compositora Sara Ross e uma dimensão visual impactante, com a projeção de imagens recolhidas em Penha Garcia e trabalhadas pelo artista visual João Gambino.

Nos três primeiros dias deste espetáculo, houve ainda oficinas de adufe, orientadas pelo músico e investigador Rui Silva, também de Tondela, que no espetáculo executa um extraordinário solo neste instrumento.

Arménio Pereira



O agradecimento dos aplausos no palco do CCB